

CHARLANE SILVA DE JESUS FERREIRA

**A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
revisão bibliográfica**

GOIÂNIA

2021.2

CHARLANE SILVA DE JESUS FERREIRA

**A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
revisão bibliográfica**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Dr. Antonio Evaldo Oliveira

GOIÂNIA

2021.2

CHARLANE SILVA DE JESUS FERREIRA

**A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma revisão
bibliográfica**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professor Orientador: Dr. Antonio Evaldo Oliveira

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Professor(a) convidado(a):

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____ ()

Goiânia, ___ / ___ / 2021.2

DEDICATORIA

A minha irmã, pelo apoio e amor incondicional e cumplicidade a prosseguir nesta jornada;

Ao meu pai que sempre acreditou no meu trabalho, e passou sempre muito companheirismo para que chegasse ao fim dessa jornada com muito orgulho de mim mesma.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores e aos meus amigos da Universidade Católica de Goiás, aos meus familiares.

Ao professor Antônio Evaldo Oliveira, pela oportunidade e encorajamento a um estudo científico, pelo apoio e incentivo que me foi dedicado, e pelo qual demonstro minha admiração e respeito.

A todos que me ajudaram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO DOS ANOS INICIAIS, EVOLUÇÃO E PROCESSO ..	11
CAPÍTULO II - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA PARA A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NOS ANOS INICIAIS NA ESCOLA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma revisão bibliográfica

Charlane Silva de Jesus Ferreira*

Antonio Evaldo Oliveira**

RESUMO: A presente Monografia, de cunho bibliográfico, aborda a importância da literatura nos anos iniciais e no desenvolvimento social da criança. O uso da literatura infantil é uma ferramenta indispensável no processo de alfabetização e letramento. A mesma deve ser utilizada pelo educador a fim de garantir uma boa seleção de livros para as crianças, visando à formação do educando e ampliando seus saberes de forma gradativa e significativa. O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre o universo mágico da literatura infantil, sendo a mesma um dos caminhos que facilita a socialização e o ensino-aprendizagem durante o processo de alfabetização/ letramento. O objetivo é analisar a importância do processo literário no desenvolvimento da criatividade, da capacidade cognitiva e no desenvolvimento das habilidades motoras de ler e escrever. O procedimento metodológico é de natureza qualitativa sendo desenvolvida através de pesquisa bibliográfica exploratória. O resultado do tema investigado oportunizou-me compreender a necessidade de ensinar e aprender literatura infantil em vários contextos e com várias pessoas como, amigos, vizinhos, familiares, parentes e com a comunidade escolar, e não somente desenvolver o hábito da leitura na escola no ambiente formal. Deve-se conscientizar a população para o hábito de ler livros diariamente, pois a leitura deve ser uma atividade cotidiana tanto no contexto formal quanto no contexto informal. Conclui-se que, o grande desafio da literatura infantil no processo de alfabetização e letramento é a dificuldade encontrada pelos educadores em alfabetizar e letrar seus alunos em séries iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: A Educação Infantil. O lúdico na Educação Infantil. A Literatura no Contexto da Educação Infantil.

* Aluna do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

** Professor da PUC Goiás, Mestre e Doutor em Educação. antonio.evaldo@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Ariès (1981), em sua pesquisa anuncia que o conceito de infância se forma em uma construção social delineada no final do século XVII e se consolida no final do século XVIII. Período que o reconhecimento da criança se iniciou, de forma bastante tímida, constatando inclusive a vulnerabilidade infantil, requerendo “olhares” de compreensão e respeito. Mais próximo do século XVIII, de alguma forma, consolida-se pressupostos de que os primeiros anos de vida são essenciais na vida de uma criança para que ela tenha, no futuro, qualidade da vida.

No século XV e XVI, novos modelos educacionais foram criados para responder aos desafios estabelecidos pela maneira como a sociedade europeia então se desenvolvia. O desenvolvimento científico, a expansão comercial e as atividades artísticas ocorridas no período do renascimento estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança e sobre como ela deveria ser educada. Uma nova ideia de educação infantil na Europa iniciou-se na fase avançada da idade moderna, com o crescimento da urbanização e a transformação da família patriarcal. A partir de então com a revolução industrial, possibilitou a “ambição”, pelo acúmulo de capital gerados das explorações de outros continentes por europeus e de grandes conhecimentos científicos então obtidos. A partir disso iniciou um processo de expropriação de antigos saberes dos trabalhadores, o que alterou as condições e exigências educacionais das novas gerações.

A educação infantil deve ser trabalhada de forma eficaz, onde o processo de desenvolvimento e aprendizagem seja bem-sucedido, assim os pequenos desenvolveram habilidades, estímulos físicos e psíquicos, facilitando a expressão de suas próprias ideias. Ao decorrer de todo o processo histórico da educação infantil no Brasil houve grandes lutas para obter mudanças, a busca por objetivos projetados desde os seus inícios foi alcançada, mas há muito por fazer, para chegar à educação que nossa criança tem direito. Para que ocorra nesse contexto educacional é necessária a contribuição do Estado, município, participação da escola e interação do professor.

Se o homem se constitui a proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por seu momento basilar e primordial dessa constituição a literatura se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de

emancipação da manipulação da sociedade. A literatura não está subordinada as normas de escritas digitadas pela gramática normativa, a escrita literária se caracteriza pela.

Reconhecer a importância da Literatura Infantil é incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância. É neste sentido, a Literatura Infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. A Literatura Infantil apresenta conceitos de linguagem e leitura em Foco a importância de ouvir histórias e do contato da criança desde cedo com o livro e finalmente esboço algumas estratégias para desenvolver o hábito de ler.

Desse modo deve-se pensar a literatura infantil como uma possibilidade de exploração do diálogo que a criança que a criança tem acesso ao direito de se expressar de conhecer e se apropriar de novos conhecimentos, isso possibilita um acesso amplo as diversidades existentes em nossa sociedade.

Abramovitch (1993) ressalta que, no tocante a literatura infantil, é preciso que ela seja capaz de provocar a curiosidade geradora de encantamento na criança, que se trata da literatura de ficção. Para a autora, elas são histórias que abordam os problemas pelos quais a criança talvez possa estar vivenciando, presenciando os e não dos livros didáticos que se procuram das explicações objetivas. Ainda segundo a autora, por meio de uma história é possível encontrar outros lugares outros tempos, outros modos de agir e descer, outra ética, outra ótica por intermédio de uma história, é possível conhecer áreas do conhecimento como: matemática geografia filosofia, história, sociologia, mesmo não sabendo o significado de tudo isso sem que, contudo, vírgulas identifique nessa leitura a fase de uma aula, se assim acontecer, ela perde o sentido de ser literatura e passa a ser didática. A partir deste contexto, esta pesquisa, em forma de um Projeto Monográfico, levanta o seguinte questionamento para ser investigado: Qual a importância da leitura e da literatura para que a criança dos anos iniciais tem uma aprendizagem significativa e para formação do gosto pela leitura?

A literatura infantil tem papel importante para o aprendizado da criança, pois relaciona essa com suas experiências pessoais. Nesse sentido, a criança amplia o senso crítico, quando, no momento de uma leitura, ela fala, pergunta e aceita ou não a opinião do autor, também amplia a arte por meio da fantasia alcançando espaço sem fim na sua imaginação, com resultado de novos textos, pinturas, desenhos,

colagens etc., desse modo, a literatura precisa ser usada para instigar à vontade pela leitura, porque ela tem o poder de favorecer gozo, entusiasmo e magia quando estudada de maneira expressiva pelo aluno, tem o poder de desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento por meio de uma aprendizagem prazerosa (LOPES; NAVARRO, 2014). Com base neste contexto apresentado até então, esta pesquisa bibliográfica, descritiva, levante os seguintes objetivos para serem alcançados: Historiar e Conceituar e evolução da educação nos anos iniciais; compreender a evolução das mudanças do processo da educação dos anos iniciais; Refletir sobre a relevância da literatura para o processo de alfabetização nos anos iniciais; Entender a importância da leitura para a aprendizagem da criança dos anos iniciais; Destacar a literatura como elemento lúdico para aprendizagem da criança e formação do bom leitor; Conhecer a concepção de alguns teóricos sobre a literatura em geral bem como a literatura infantil.

O ato de contar história para criança consiste em despertar sua curiosidade, imaginação e fantasia que fazem parte do seu mundo. É uma possibilidade de a criança viajar por terras desconhecidas, sentir emoções, conhecer pessoas diferentes e seres espetaculares, de maneira a vivenciar plenamente o encanto e a magia que a história proporciona. Diante disso, essa pesquisa justifica-se a relevância de centrarmos a discussão e aprofundamento no tema a literatura no contexto dos anos iniciais a fim de apresentar novas reflexões sobre a temática, com todos aqueles que tiveram a intenção de conhecer um pouco mais sobre esta temática.

Esta pesquisa de cunho bibliográfico descritivo está fundamentada nos seguintes autores: Cervo (2013); Lakatos e Marconi (2003); LÊNIN (2013); Martins (2008); Severino (2016); dentre outros descritos nas referências; também de bancos de dados e legislações, dentre outros.

Espera-se com esta pesquisa conscientizar os professores em formação acadêmica sobre a importância de trabalhar a literatura na educação infantil. É que a literatura por sua vez, perpassa a ideia de ensino, reproduzidor e condicionado, em que o professor deposita o conhecimento ao educando, tornando-se educação bancária que habitualmente estamos acostumados a verbalizar sob os argumentos do senso comum.

Pretende-se salientar que a literatura é essencial no processo da aquisição da leitura e da escrita, a literatura infantil tem uma grande importância, pois na educação infantil na educação formal, a criança está na fase dos sonhos e adora ouvir histórias que envolvem um mundo imaginário. Sendo assim, esta pesquisa monográfica foi estruturada: no Capítulo 2: **A Educação dos Anos Iniciais, Evolução e Processo**, foi pesquisado sobre o desenvolvimento, a conceituação, a evolução, a concepção e as políticas e legislações sobre a educação dos anos iniciais.

Já no Capítulo 2: **A Importância da Leitura e da Literatura Para a Aprendizagem da Criança nos Anos Iniciais na Escola**, será mostrado através dos teóricos o quanto é importante para a aprendizagem da criança e pelo gosto da leitura, quando se começa com o processo com a linguagem adequada do grau de compreensão da criança, contribuindo assim para a aprendizagem significativa.

Nas considerações finais espera-se que esta pesquisa contribua para que os professores se conscientizem sobre a importância de trabalhar a literatura, por meio do lúdico, para a aprendizagem da criança.

CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO DOS ANOS INICIAIS, EVOLUÇÃO E PROCESSO

A primeira investigação historicamente sobre a concepção de infância foi na Europa, no período em que começaram a compreender que a criança não era uma miniatura ou um ser engraçado. Ariès (1981), enfatiza que a criança era ignorada na idade média, entre os séculos XI e XVIII, na sociedade europeia mais precisamente na França. Para chegar a esses dados, o referido autor pesquisou aquela sociedade utilizando como metodologia análise iconográfica. Através das primeiras pesquisas levou o pesquisador identificar a ausência das crianças retratadas nos quadros, o que levou a conclusão de que a criança não era reconhecida como ser social significativo.

Ariès (1981), em sua pesquisa anuncia que o conceito de infância se forma em uma construção social delineada no final do século XVII e se consolida no final do século XVIII. Período que o reconhecimento da criança se iniciou, de forma bastante tímida, constatando inclusive a vulnerabilidade infantil, requerendo “olhares” de compreensão e respeito. Mais próximo do século XVIII, de alguma forma, consolida-se pressupostos de que os primeiros anos de vida são essenciais na vida de uma criança para que ela tenha, no futuro, qualidade de vida.

Heywood (2004), contrapõe as escritas de Ariès, alegando que o francês apenas pesquisou crianças de posição social bem definida. Uma das críticas se dá porque Ariès desconsiderou crianças populares, que fazem parte das classes sociais baixa. Para o autor, a evidência sobre a concepção de infância na idade média, momento em que se era ignorada a minoridade, ou a sociedade percebia o bebê ou a criança como pessoas de menos idade ou adulto em escala de menor tamanho.

No século XV e XVI, novos modelos educacionais foram criados para responder aos desafios estabelecidos pela maneira como a sociedade europeia então se desenvolvia. O desenvolvimento científico, a expansão comercial e as atividades artísticas ocorridas no período do renascimento estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança e sobre como ela deveria ser educada. Uma nova ideia de educação infantil na Europa iniciou-se na fase avançada da idade moderna, com o crescimento da urbanização e a transformação da família patriarcal. A partir de então com a revolução industrial, possibilitou a “ambição”, pelo acúmulo de

capital gerados das explorações de outros continentes por europeus e de grandes conhecimentos científicos então obtidos. A partir disso iniciou um processo de expropriação de antigos saberes dos trabalhadores, o que alterou as condições e exigências educacionais das novas gerações.

Com a expansão comercial vivida naquela época na Europa ocidental geraram condições para a formulação de um pensamento pedagógico para a era moderna. Os questionamentos e discussões sobre a obrigatoriedade da escolarização se avivou em vários países europeus durante os séculos XVIII e XIX, realçando a importância da educação para o desenvolvimento social. É exatamente neste momento que a criança passou a ser o centro do interesse educativo dos adultos. Deste modo a criança começou a ser vista como sujeito de necessidades e cuidados, situada em um período de preparação para o ingresso no mundo dos adultos. É neste momento que a escola aparece como um instrumento fundamental, porém poucos tinham condições de acesso, somente a classe a elitizada. Já as crianças das classes menos favorecidas eram propostas apenas o aprendizado de uma ocupação e da piedade.

Teóricos como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel e Montessori, entre outros, estabeleceram as bases para um sistema de ensino mais centrado na criança. Muitos deles achavam-se compromissados com questões sociais relativas a crianças que vivenciavam situações sociais críticas (Órfãos de guerra, pobreza) e cuidaram de elaborar propostas de atividades em instituições escolares que compensassem eventuais problemas de desenvolvimento. Embora com ênfases diferentes entre si, as propostas de ensino desses autores reconheciam que as crianças tinham necessidades próprias e características diversas das dos adultos, como interesse pela exploração de objetos e pelo jogo, (MELLO, 2001).

Educar crianças menores de 06 anos de diferentes condições sociais já era uma questão tratada por Comênio (1592-1670), educador e bispo protestante checo. Em seu livro *A escola da infância*, publicado em 1628, afirmava que o nível inicial de ensino era o “o colo da mãe” e deveria ocorrer dentro dos lares. Em 1637 elaborou um plano de escola maternal em que recomendava o uso de matérias audiovisuais, como livros de imagens, para educar crianças pequenas.

Em oposição ao ideário da reforma e da contra-reforma religiosas, o filósofo genebrino Rousseau (1712-1778) criou uma proposta educacional em que

combatia preconceitos, autoritarismos e todas as instituições sociais que violentassem a liberdade característica da natureza. Ele se opunha à prática familiar vigente de delegar a educação dos filhos a preceptores, para que estes os tratassem com severidade, e destacava o papel da mãe como educadora natural da criança. Rousseau revolucionou a educação de seu tempo ao afirmar que a infância não era apenas uma via de acesso, um período de preparação para a vida adulta, mas tinha valor em si mesma.

As ideias de Rousseau abriram caminho para as concepções educacionais do suíço Pestalozzi (1746-1827), que também reagiu contra o intelectualismo excessivo da educação tradicional. Considerava ele que a força vital da educação estaria na bondade e no amor, tal como na família, e sustentava que a educação deveria cuidar do desenvolvimento afetivo das crianças desde o nascimento. Educar deveria ocorrer em ambiente o mais natural possível, num clima de disciplina estrita, mas amorosa, e pôr em ação o que a criança já possui dentro de si, contribuindo para o desenvolvimento do caráter infantil. As ideias de Pestalozzi foram levadas adiante por Froebel (1782-1852), educador alemão, no quadro das novas influências teóricas e ideológicas de seu tempo- liberalismo e nacionalismo, marcado pelas lutas napoleônicas. Influenciado por uma perspectiva mística, uma filosofia espiritualista e um ideal político de liberdade, criou em 1837 um kindergarten (jardim de infância), onde crianças e adolescentes - pequenas sementes que, adubadas e expostas as condições favoráveis em seu meio ambiente, desabrochariam sua divindade interior em um clima de amor, simpatia e encorajamento - estariam livres para aprender sobre si mesmos e sobre o mundo, (MELLO, 2001).

No Brasil a história da infância é marcada por sucessivas modificações, não se manteve estagnada, de modo que no Brasil a criança carregou imagem de impura no início do século XX, como fora na Europa no período apontado como na alta idade média.

De acordo com Mello (2001), no final do século XVIII, passando pelo período colonial permanecendo até os primórdios da república, primeiras décadas do século XX, foi instalado na santa Casa de misericórdia, o assistencial, conhecido como “asilos ou roda dos expostos” ou, ainda, local dos “enjeitados”. O modelo de assistência roda de exposto no Brasil foi implantado baseado na França que instituiu em 1811, (MELLO, 2001).

Alguns historiadores alegam que no Brasil a primeira roda de expostos foi instalada em Salvador, no ano de 1726, no Rio de Janeiro, em 1738 por Ramão Mattos Duarte, 1837 na cidade de São Paulo, 1825 em Porto Alegre, no entanto, a regulamentação aconteceu em 1842 (p. 16), onde se instalou em santas Casas, em quase todas as províncias brasileiras, que asseguraram proteção às crianças recolhidas, os bebês eram encaminhados para as amas-de-leite. Inicialmente essa assistência foi fundada para amenizar sofrimentos de recém-nascidos ilegítimos, gerados por mães consideradas adúlteras, crianças rejeitadas pela sociedade e mães solteiras.

A maneira de depositar a criança ocorria de forma sigilosa, o sujeito deixava o recém-nascido, tocava a campainha, imediatamente o cilindro rodava, ficando a lateral aberta para receber a criança e em seguida a levava para seu interior. O asilo ou casa dos expostos competia à função de encontrar novas famílias aos enjeitados, objetivo que quase sempre não se alcançava. Com o passar do tempo, as rodas foram disponibilizadas para camadas de famílias populares. A mortalidade infantil nas rodas dos expostos era alta, pois as crianças eram desprovidas de vestes, de berços e cuidadas pela ama-de-leite, responsável por até sete bebês de cada vez.

Mello (2001), com a lei do ventre livre, no ano de 1871, houve redução no recebimento de crianças na roda dos expostos, e com a abolição da escravatura, houve decréscimo no número de bebês deixados nas rodas. A medicina começou a olhar para a infância num intuito de criar normas para crianças abandonadas, juntamente com a abolição da escravatura, criaram forças e as rodas dos expostos foram extintas do Brasil. O decreto nº 16306/1923 excluiu as unidades do Rio de Janeiro e Distrito Federal e, em 1940, em Porto Alegre. Neste caso, o estado é acusado de negligente por manter esse local tão precariamente, com falta de recursos e higiene. A medicina também se importou com as crianças, defendendo a importância de uma infância saudável, e alertando as mães a respeito de sua importância na vida do filho.

Aos poucos a legislação foi difundida, condenando violadores, o direito infantil construindo, passando a ser, respeitando vulnerabilidade do pequeno, delegando ao adulto a importância para a formação do eu em sua existência.

A infância até chegar à contemporaneidade passou por constantes transformações, sendo importante dar ênfase a essa dimensão em que a infância está ocupando atualmente. As crianças de 0 a 6 anos passaram a ter acesso as

instituições especializadas no Brasil, fato ocorrido no período da revolução industrial. Com o surgimento da mão de obra e com a implantação de indústrias no Brasil, houve inserção das mulheres no mercado de trabalho para que as mães trabalhassem as indústrias oferecia um espaço para que deixassem seus filhos, ou seja, com preocupação com o cuidar.

No decorrer do tempo e por algumas ações políticas, as creches passaram a ser reponsabilidade do poder público. Deste modo a creche se tornou um espaço administrado pelo governo do estado, do município, ou até mesmo por organizações não-governamentais. A Constituição do Brasil, de 1988, define o acesso às creches como um direito da população, mas que ainda alguns são privados desse acesso, pois o número de instituições não é compatível com as necessidades da população. A constituição faz referência definindo direitos específicos na educação, entre eles: Crianças de 0 a 6 anos ter “atendimento em creche e pré-escola” com ênfase garantindo o cuidar e educar da criança

A constituição federal de 1988 ao estabelecer no artigo 208 inciso IV o dever do Estado na garantia de atendimento em creches e pré-escola as crianças de 0 a 6 anos de idade, representou uma vitória para os movimentos sociais que sempre lutaram para que oferta dessa etapa educativa fosse garantida na forma da lei, nas constituições e legislações educacionais anteriores o atendimento as crianças até 6 anos não eram concebidas como uma atividade educacional. O dispositivo da lei 5692/71 estabelecia apenas que os sistemas de ensino valerem para que a criança de idade inferior a 7 anos receba conveniente educação (art.19, § 2º).

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) a educação infantil passa a ser definida como a primeira etapa da educação básica (art. 29), com um papel social relevante para a formação comum indispensável para o exercício da cidadania. A nova LDB redefine o papel do poder público com essa faixa etária que deixa de ser o de “velar” e passa a ser o de cuidar e educar. Em conformidade com a legislação em vigor (Constituição Federal e LDB) a educação infantil é um direito da criança (e da família) e se constitui em um dever do Estado e da família. Nesse sentido não é obrigatória, pois a obrigatoriedade se recai apenas ao ensino fundamental e deve ser gratuita nos estabelecimentos de ensino.

Na Lei 9394/96 Educação Infantil recebe tratamento igual aos demais etapas da educação básica e conta com capítulo próprio que a define como primeira etapa

educativa que cuja finalidade é proporcionar o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade no desenvolvimento da criança. Entretanto, ressalta sobre a necessidade da coerência entre a escola e a da família e comunidade

A educação infantil primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade em seus aspectos físico psicológico intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, art. 29).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) explícita alguns aspectos que devem ser complementados nessa etapa educativa e um deles é o brincar. Nesse sentido no percurso educação infantil a escola deve contribuir buscando meios para complementar com a melhor forma de ensinar, inovar, incluir a família para contribuir no desenvolvimento. Nestes sentidos utiliza-se de metodologias interessantes, adicionar o lúdico como parceiro no ensino de aprendizagem, compreender que a criança chega na escola com a bagagem de aprendizado social e cultural que deve ser respeitada.

A educação infantil deve ser trabalhada de forma eficaz, onde o processo de desenvolvimento e aprendizagem seja bem-sucedido, assim os pequenos desenvolveram habilidades, estímulos físicos e psíquicos, facilitando a expressão de suas próprias ideias. Ao decorrer de todo o processo histórico da educação infantil no Brasil houve grandes lutas para obter mudanças, a busca por objetivos projetados desde os seus inícios foi alcançada, mas há muito por fazer, para chegar à educação que nossa criança tem direito. Para que ocorra nesse contexto educacional é necessária a contribuição do Estado, município, participação da escola e interação do professor.

A infância até chegar à contemporaneidade passou por constantes Transformações, sendo importante dar ênfase a essa dimensão em que a infância está ocupando atualmente.

As crianças de 0 a 6 anos passaram a ter acesso as instituições Especializadas no Brasil, fato ocorrido no período da Revolução Industrial. Com o surgimento da mão de obra e com a implantação de indústrias no Brasil, houve Inserção das mulheres no mercado de trabalho, para que as mães trabalhassem as indústrias oferecia um espaço para que deixassem seus filhos, ou seja, as Creches,

que de início tinha a função assistencialistas, somente com Preocupação com o cuidar. No decorrer do tempo e por algumas ações políticas, as creches passaram a ser responsabilidade do poder público.

Assim, a creche tornou um espaço administrado pelo governo do estado, do Município, ou até mesmo por organizações não-governamentais. Mas tarde, leis e normas foram regulamentando essas entidades para melhor funcionamento. A Constituição de 1988 define o acesso às creches como um direito da População, mas que ainda alguns são privados desse acesso, pois o número de Instituições não é compatível com as necessidades da população. A Constituição faz referência definindo direitos específicos na educação, Entre eles: crianças de 0 a 6 anos ter atendimento em creche e Pré-escola com ênfase garantindo o cuidar e educar da criança.

A subordinação do atendimento em creches e Pré-escola na área de Educação representa um grande passo na superação do caráter assistencialista nos programas voltados para essa faixa etária. A Constituição Federal de 1988 ao estabelecer no Artigo 208 inciso IV o dever do Estado na garantia de atendimento em creches e pré-escola as crianças de 0 a 6 anos de idade, representou uma vitória para os movimentos sociais que sempre lutaram para que a oferta desta etapa educativa fosse garantida na forma da Lei, nas constituições e legislações educacionais anteriores o atendimento as crianças até 6 anos não era concebido como uma atividade educacional. O dispositivo da Lei 5692/71 estabelecia apenas que os Sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação (BRASIL, 1971, art. 19, § 2º).

Com a aprovação da Lei 9394/96 a Educação infantil passa a ser definida como a primeira etapa da educação básica (art. 29), com um papel social relevante para a formação comum indispensável para o exercício da cidadania. A nova LDB redefine o papel do poder público com essa faixa etária que deixa de ser o de “velar” e passa a ser o de cuidar e educar. Em conformidade com a legislação em vigor (Constituição Federal e LDB) A Educação Infantil é um direito da criança (e da família) e se constitui em um dever do Estado e da família. Nesse sentido não é obrigatória, pois a obrigatoriedade se recai apenas ao ensino fundamental e deve ser gratuita nos estabelecimentos de ensino.

Na Lei 9394/96 a Educação Infantil recebe tratamento igual as demais etapas da educação básica e conta com um capítulo próprio que a define como primeira

etapa educativa cuja finalidade é a de proporcionar o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade no desenvolvimento da criança. Entretanto, ressalta sobre a necessidade da coerência entre a escola, a família e a comunidade.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, art. 29).

A LDB institui que a educação infantil será oferecida em creches ou entidades equivalentes as crianças de zero a três anos de idade e em pré-escolas para crianças de quatro a seis anos. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil explicita alguns aspectos que devem ser contemplados nesta etapa educativa e um deles é o brincar.

A qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o Exercício da cidadania, respeitando-se as especificidades afetivas, Emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos, Devem estar embasadas nos seguintes princípios: o respeito à Dignidade e aos direitos da criança, consideradas nas suas diferenças, Individuais, sociais, econômicas, culturais, religiosas, etc. O direito das Crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, Interação e comunicação infantil'; O acesso das crianças aos bens sócio-culturais disponíveis, ampliando O desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à Comunicação, à interação, ao pensamento, à ética e a ciência. A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção. Nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade, (BRASIL, 1998, p. 13).

Neste sentido, no percurso da educação infantil a escola deve contribuir buscando meios para complementar com a melhor forma de ensinar, inovar, incluir a família para contribuir no desenvolvimento. Neste sentido utilizar-se de metodologias interessantes, adicionar o lúdico como parceiro no ensino aprendizagem, compreender que a criança chega na escola com uma bagagem de aprendizado social e cultural que deve ser respeitada.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, promulgado em 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990), garante atendimento em creches e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB), Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), constitui a Educação Infantil, como etapa da Educação Básica. Estas e outras conquistas são resultados de anos de lutas, estudos e pesquisas, que garantiram a legitimidade educacional da Educação Infantil. Todavia, a variação histórica sobre o surgimento das primeiras “instituições” que objetivavam o cuidado e a guarda de crianças, a questão do gênero feminino no desempenho desta função e o assistencialismo, foram e são marcas históricas que passaram por diversas modificações com decorrer do tempo. Embora, esta temática tenha se tornado tema recorrente de pesquisas, podemos observar, ainda hoje, resquícios históricos que influenciam práticas pedagógicas e políticas públicas. Sob esta preocupação, o objetivo deste trabalho é expor fatos históricos que influenciaram direta e indiretamente no surgimento das instituições de Educação Infantil no Brasil.

O MEC também elaborou o RCNEI, Conselho Nacional de Educação, Definindo as DCNEI, Diretrizes Curriculares Nacionais, estudos que direciona e Contribuiu a Educação Infantil. No contexto educacional como dito anteriormente, ficou estabelecido que A Educação Infantil fosse mantida e financiada com os recursos vinculados à Manutenção e desenvolvimento do ensino, onde municípios tornaram responsáveis por oferecê-la nas creches e pré-escolas.

No decorrer de todo o processo histórico da Educação Infantil no Brasil Houve grandes lutas para obter mudanças, a busca por objetivos projetados desde o seu início foram alcançados, mas há muito por fazer, para se chegar a educação que nossa criança tem direito. Para que ocorra esse contexto educacional é necessária a contribuição do estado, município, participação da escola e interação do professor.

A literatura infantil na atualidade tem a função de auxílio no processo de alfabetização. Atualmente, sabe-se que é de extrema importância que as crianças recebam, em todos os sentidos, estímulos adequados para que níveis do desenvolvimento cognitivo, físico, social e emocional sejam alcançados para que enfim, completem seu processo de maturação e, também, construam uma visão crítica do mundo e da sociedade. Hoje, precisamos de uma literatura questionadora destinada à infância. É dessa forma que pais e educadores informais conseguirão, cada vez mais, introduzir o livro infantil no cotidiano de crianças para além dos ambientes educacionais.

Usado como um estímulo à imaginação, o livro é um recurso ideal para que a criança se familiarize com o vocabulário e melhore também sua expressão oral; além

de ser um meio de transmissão de valores comunitários, de estímulo da criatividade e veículo de reflexão. Para isso, autores, ilustradores e criadores estão se distanciando desse caráter óbvio da literatura infantil e desenvolvendo textos e imagens que apresentam não só conceitos básicos às crianças, mas também o mundo à sua volta, despertando assim, a partir da ludicidade, da imaginação e da fantasia, uma consciência crítica.

A partir dos anos 1970, a literatura infantil e juvenil inaugura um período extremamente fértil No Brasil. As obras podem ser agrupadas em tendências temático-estilísticas, construindo uma História do gênero que reflete o momento histórico social brasileiro e a situação do leitor por meio de um projeto estético ousado e criativo. Aparecem nomes que ainda hoje continuam a publicar, com sucesso, obras para crianças e jovens, entre eles: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho entre outros, reatando as pontas com a tradição lobatiana por novas vias que contemplam a crítica social, o humor, o suspense, a aventura da Linguagem.

A renovação da literatura infantil brasileira, que ocorre especialmente nos anos de 1970, na Trilha de Lobato, vai se consolidando, nas décadas seguintes, com um projeto estético que valoriza o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, num processo de coautoria. As narrativas se caracterizam pela presença do humor e da irreverência, da aventura, do suspense e da temática do cotidiano. Há um aprofundamento estético no texto literário, seja na construção da voz narrativa que procura estabelecer pontes entre a perspectiva do adulto e a da criança; manifesta-se também nas obras um apelo à imaginação e um incentivo à construção de um leitor crítico.

A poesia infantil também se insere neste cenário, ganhando, depois de Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Sidônio Muralha; Vinícius de Moraes, dimensões significativas, com o aparecimento de vários poetas e obras, seja na forma do poema, da prosa poética, ou da narrativa em versos, muitas vezes em ritmos populares como o cordel. No capítulo “Industrial cultural e renovação literária”, do livro *Literatura infantil brasileira: história e histórias* de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984) apresentam os escritores e as tendências atuais, considerando como atual a década de 1980, e a expansão da literatura infantil após os anos 60 e 70.

As tendências apresentadas pelas autoras incluem: 1) a crítica da sociedade brasileira principalmente através da miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social – o Justino, o retirante (1970), de Odette Barros Mott, Pivete (1977), de Henry Correia de Araújo, O menino e o pinto do menino (1975), de Wander Piroli, O dia de ver meu pai (1977), de Vivina de Assis Viana, características literárias presentes em toda a Coleção do Pinto, Lançada em 1975. 2) A imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia, de ruptura com a normatização do mundo dos adultos na busca da liberdade de expressão e pensamento.

Essa é uma forte tendência dos anos 70/80 especialmente com as histórias de Ruth Rocha e Ana Maria Machado. 3) A valorização da criatividade e da capacidade infantil de Inventar, imaginar novas realidades, deslocar as verdades cristalizadas ou estereotipadas (Marcelo, Marmelo, martelo, Ruth Rocha, O menino maluquinho, Ziraldo e tantos outros.) A ruptura da Normatividade, o incentivo a criatividade, a liberdade e a autonomia de pensamento representaram a Expressão estética mais significativa da literatura infantil à época.

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma Retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na Caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Com novas configurações, essa tendência parece sobreviver aos anos e continuar mobilizando criativamente os escritores. Com isso também, se podemos dizer que há os protótipos criativos, com uma estética inovadora, há também os estereótipos que apenas multiplicam os títulos nos catálogos editoriais, mas nada acrescentam no contexto da literatura infantil. As narrativas apresentam também temas voltados para as relações interpessoais, para os enfrentamentos e descobertas da criança, além de um gosto pela memória, pelo passado, especialmente pelas memórias nostálgicas dos adultos sobre a infância, sobre o núcleo familiar.

Por outro lado, se as relações interpessoais e os enfrentamentos das crianças e jovens no cotidiano continuam a ser tematizados pelas obras, desaparece, ou fica fora do foco de luz principal, a narrativa pautada na rebeldia infantil, ou na transgressão das crianças da norma adulta imposta como autoridade constituída. Parece um veio já bastante explorado e com sucesso que se esgotou. As obras têm procurado estabelecer uma ponte de diálogo entre a voz do adulto e a voz da criança, tornando mais maleável a condição de normatividade que não se fixa nem num polo nem no outro, mas no diálogo e na compreensão mútuas. Nesse sentido, o caminho narrativo que se manifesta mais intensamente é o da simbolização, da valorização poética como caminhos para a humanização das relações interpessoais.

As obras de cunho realista, a crítica da sociedade brasileira principalmente através da Miséria e do sofrimento infantil, numa representação realista do contexto social, essa tendência desaparece na atualidade, ou pelo menos, não se manifesta como um conjunto de obras e autores, como ocorreu na década de 1970 e 1980 com as obras de Odett Barros Mott ou os livros da Coleção do Pinto. Basta observar o livro *Um garoto chamado Roberto*, de Gabriel o pensador, vencedor do Jabuti, em 2006, no qual se o ambiente é de pobreza e dificuldades, o que prevalece é alegria e a Esperança na superação da situação social de exclusão, muito diferente da dicção literária dos livros da Coleção do Pinto.

A produção literária infantil brasileira vive uma nova fase. A partir da segunda metade do Séc. XX com as novas ideias em torno da criança e de sua aprendizagem, sobretudo com a difusão das novas pesquisas psicolinguísticas em torno do ludismo e da socialização infantil; fermenta uma forma diferente de conceber a Literatura Infantil e o seu papel socializador à educação da criança, provocando o surgimento do paradigma lúdico.

As teorias de Dewey, Montessori, Declory, Claparède, Piaget, Vigotski e pesquisadores do imaginário como Bachelard e Huizinga, abrem caminhos para uma nova compreensão de criança, da aquisição da linguagem, da importância do imaginário e ludismo para o desenvolvimento integral humano. Fatos que se comprovam através das mudanças ocorridas, no curso do Séc. XX, nas leis educacionais e nos vários documentos difundidos pelo Ministério da Educação no universo educacional (COELHO, 1991).

As brincadeiras, as imagens, os jogos, as canções, os diversos brinquedos, sejam eles concretos ou simbólicos, são levados em consideração, pelos escritores,

durante o processo criativo. O visual e o jogo linguístico passam a ter importância dentro do gênero infantil, é o caso da Literatura em Quadrinhos; já existente, no Brasil, desde 1905 com a Revista O Tico-Tico. Porém, a produção em quadrinhos encontrará bastante repercussão nos anos de 1940 com a produção dos super-heróis, detetives e aventuras que resultam da fusão entre o maravilhoso e a ciência. Também se destacam, dentro do gênero, o Teatrinho Infante/Juvenil e a qualidade das ilustrações dos livros infantis; isso mostra o quanto passou-se a valorizar as imagens e os jogos lúdicos no meio artístico e na produção literária infanto-juvenil, (PAES, 1996).

A partir das décadas de 1950/1960 a Literatura Infantil rompe com o “realismo pedagógico” imposto nos anos de 1930/1940 e redescobre a fantasia, principalmente através da fusão do Real com o Imaginário. Dentre os nomes que se destacam a partir dos anos de 1950, incluem-se: Lúcia Machado de Almeida com a obra *Aventuras de Xisto* (1957), e a produção infantil de vários autores, dentre eles: Ana Maria Machado, Lygia Fagundes Bojunga Nunes, Ziraldo, Ruth Rocha, Luís Camargo, Ricardo Azevedo, dentre outros.

CAPÍTULO II - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA PARA A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NOS ANOS INICIAIS NA ESCOLA

“A literatura infantil tem por finalidade ser aquela que satisfaz de certo modo, aos desejos de quem está lendo e que se iguale com ele” (LOPES; NAVARRO, 2014). Além das histórias permeadas de fantasia a literatura infantil apresenta uma peculiaridade elementar a criatividade à fantasia e imaginação. Muitas vezes não sabemos os significados destas palavras perante a ciência, Vygotsky (1999, p. 07) destaca que:

Na vida cotidiana se chama imaginação ou fantasia tudo que não é real, o que não concorda com a realidade, dessa forma, não pode ter significado prático sério. No entanto a imaginação com fundamento de toda atividade criadora se manifesta em todos aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, tudo que nos rodeia é feito pelas mãos do homem, todo mundo das culturas diferentes do mundo da natureza é produto da imaginação.

Possibilitar a criança entrar em contato com a literatura estabelece uma relação que seja possível conhecer ampliar seu mundo, são tarefa dos professores, da família e da instituição escolar em seu todo. Quando o professor conta uma história, contribui para um conhecimento da criança, pois a mesma ao ouvir se envolve com a história e com os personagens, de certa maneira a literatura faz com que os alunos vivenciem uma realidade diversa, mas que possibilita por meio dos sentimentos a interação da literatura com o cotidiano da criança.

Segundo Costa (2007), concentrar o ato da leitura no espaço escolar é reconhecer o efeito enriquecedor que se manifesta em cada pessoa, assim esperamos que o trabalho com a leitura literária pudesse produzir resultados eficazes e amadurecidos, pois a criança, ao manusear o livro ou o objeto de leitura, torna-se capaz de identificar a imagem e estabelecer uma relação direta com a linguagem, sendo muitos os benefícios que esse contato pode desenvolver, estimulando a memória e a capacidade de construir as informações por meio da fantasia vivendo um mundo repleto de conhecimentos.

A leitura de histórias auxilia por meio do lúdico na compreensão das crianças sobre os vários sentimentos e até nos dias atuais traz para a vivência das crianças novos saberes e ensinamentos. É por meio da compreensão da história que a criança assimila o fictício (imaginário) com o real, contribuindo no processo de desenvolvimento intelectual.

Se o homem se constitui a proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por seu momento basilar e primordial dessa constituição a literatura se configura não só como instrumento de Formação conceitual Mas também de emancipação da manipulação da sociedade A literatura não está subordinada as normas de escritas digitadas pela gramática normativa, a escrita literária se caracteriza pela variedade, pela diversidade de estilos sentidos e formas, no texto literário cabe muitas vozes, muitas paisagens, cores e imagens, (CADERMATOR, 2007).

Uma formação sem arte, sem cultura, não prepara a civilização nem homens. Mas apenas cria e condiciona exércitos e cérebros mecanizados. A ciência sem cultura se empobrece e reduz o homem a simples manipulador, peça de equipe a serviço de uma engrenagem técnica. A técnica informa, mas somente a cultura forma o homem, (CARVALHO, 1982, p. 228).

Na Idade Média (século V ao XV), não existia o reconhecimento da “infância”, não se escrevia para as crianças, não havia livros para elas. Foi apenas durante a idade moderna, devido às mudanças na estrutura da sociedade e a ascensão da família burguesa, que surge o sentimento em relação a essa fase. Com isso, várias mudanças se fazem necessárias sendo que as mais importantes foram a reorganização da escola e a criação de gênero literário específico para a criança, é em meio a todas estas transformações que nasce a literatura infantil, conforme (ZILBERMAN, 2003). Anteriormente a essa época, a criança participava da vida social do adulto. As crianças eram excluídas enquanto ser humano, vistas como animais, serventia para os adultos, seres engraçados. Pensa-las como seres vulneráveis, era improvável, na época.

Del Priori (2007), descreve que a alta taxa de mortalidade infantil por doenças ou maus tratos, no continente europeu, era assustadora. No século XIII, a literatura infantil se iniciou na Europa, nesse período a criança começava a ser vista como criança, pois antes desse período ela fazia parte da sociedade adulta. Havia dois

modelos distintos de crianças e que conheciam literatura. A nobreza, que recebia ensino de preceptores e tinha acesso a grandes clássicos. A criança da classe popular, que lia ou ouvia histórias de cavalaria, de aventuras, lendas e contos folclóricos, obras que constituíam uma literatura de cordel, literatura essa que acaba de despertar o interesse da classe menos privilegiada economicamente.

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada segunda, são convocadas para cumprir essa missão (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

É de grande importância para a criança a sua convivência desde os anos iniciais com as histórias, pois é a partir desse convívio que ela pode ter um acesso as diferentes vivências e experiências. É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula, (ABRAMOVICH, 2008).

No entanto, a literatura é uma ferramenta que na educação contribui para a formação de sujeitos ativos críticos, autores de suas histórias desde os anos iniciais da escolarização. Reconhecer a importância da Literatura Infantil é incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos se formam. Isto é na infância a literatura possui elementos para a criança compreender o Real através de contos e as relações são observadas e comparadas a sua própria existência. As crianças em seu primeiro contato com o livro analisam com mais atenção à imagem quando se apresentam a temática desconhecida do que quando se trata de algo já conhecido. Nesse contexto a Literatura Infantil se constitui como ferramenta Poderosa por que encanta informa e envolve o leitor já nos primeiros contatos com livro a Literatura Infantil é o caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa além de contribuir para o desenvolvimento social emocional e cognitivo.

A escola desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita deve utilizar a literatura como influenciadoras de maneira positiva neste processo já que a Literatura Infantil pode ser um instrumento motivador e desafiador que é capaz de Medial indivíduo a ser um sujeito ativo responsável pela sua resposta aprendizagem e que consegue compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Reconhecer a importância da Literatura Infantil é incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância. É neste sentido, a Literatura Infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. A Literatura Infantil apresenta conceitos de linguagem e leitura em Foco a importância de ouvir histórias e do contato da criança desde cedo com o livro e finalmente esboço algumas estratégias para desenvolver o hábito de ler.

A literatura é capaz de criar tensões em nós mesmos e suscitar intuições acerca da vida humana. De repente, somos como que fisgados pelos textos e empaticamente acompanhamos os personagens no miolo da trama, enfrentando conflitos e superando obstáculos. No prazer gerado pela complexidade e oscilação dos significados - decorrência natural do movimento de Nossa consciência no adentra mento do texto literário - vamos conhecendo e compreendendo melhor o mundo e a nós mesmos. A leitura do texto literário pode se constituir num fato de liberdade e transformação dos homens (SILVA, 1986).

Os livros literários apresentam um peso fundamental no estabelecimento de relações positivas com a linguagem, a leitura e a escrita, onde é produzido o desejo de aprender a ler e a escrever, e aprender a gostar de ouvir a leitura, além de ter acesso à literatura para que desejem se tornar leitores (KRAMER et al., 2011). Desse modo deve-se pensar a literatura infantil como uma possibilidade de exploração do diálogo que a criança que a criança tem acesso ao direito de se expressar de conhecer e se apropriar de novos conhecimentos, isso possibilita um acesso amplo as diversidades existentes em nossa sociedade.

Para Coelho (1991) atualmente não existe mais um ideal absoluto de Literatura Infantil; no entanto podem-se observar algumas características, pertinentes aos livros infantis, que evidenciam as três principais tendências atuais dentro do gênero; destacando-as:

A Literatura realista: pretende expressar o Real conforme o testemunho do mundo cotidiano e informar costumes, hábitos, valores e diversos conhecimentos que conscientizem o leitor infantil, bem como apelar para a curiosidade, argúcia e preparar o leitor para enfrentar psicologicamente, sem ilusões, a vida prática;

A literatura fantasista: apresenta o mundo maravilhoso, poético, criado pela imaginação e pelo sonho; que existe fora dos limites do Real e do senso comum; prevalecendo, nesse universo literário, o lúdico ou o jogo sobre as experiências reais;

A literatura híbrida: parte do Real e nele introduz o Imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro. Os universos por ela criados integram a linha do Realismo Mágico, onde se introduzem em fatos e cotidianos já conhecidos pela criança o inesperado, o fantástico, o maravilhoso; é a linha da qual Monteiro Lobato brilhantemente introduzira já no início do Séc. XX.

Apesar da crescente circulação de livros infantis no mercado editorial e no universo educacional, muitos teóricos e escritores compartilham de um certo receio no tocante a dominação das imagens na chamada Era Virtual, Era que se inicia com o aparecimento do Cinema e da Televisão; e, hoje, se expande amplamente com a globalização, com a facilidade de acesso a que crianças e adolescentes dispõem por meio da Internet.

No tocante a imagem televisiva, Cecília Meireles (2002) enfatizara, já nos fins da década de 1940, sobre os perigos das imagens imediatas para a formação do leitor; refletindo que a infância não tem sido poupada das “duras penas” da realidade, visto que predomina na atualidade uma subversão de valores onde o vilão tornou-se o herói, e o homem bom é considerado o fraco na narrativa da vida real. Para Cecília, essa subversão de valores humanos distorce e maltrata a identidade da criança, podendo marcar decisivamente a sua vida. Em suas palavras:

“Dentro da subversão, palpitam infâncias: infâncias que assistem de olhos assombrados cenas que nenhum autor se atreveria a contar-lhes. Cenas vivas e vividas – não escritas. Se o que lê não se esquece, como esquecerá o que se vê?” (MEIRELES, 2002, p. 134).

Coelho (1991), apresentando questionamentos sobre a existência de uma possível crise do livro infantil, alude ao fato de que as imagens dos sites, blogs, jogos e demais locais da Internet por serem mais facilmente manipulados e

assimilados pela criança, podem levar a um processo de alienação e desvalorização da leitura como fonte imprescindível de conhecimento e formação humana.

Por outro lado, há quem argumente que a mídia eletrônica e a comunicação via Rede, basicamente, se realizam por um sistema textual. Exigindo a codificação / decodificação de signos, e a compreensão entre significantes e significados, aspectos que favorecem à plurissignificação textual - quesito básico para a compreensão literária -; e, portanto, para a formação do leitor. O que se evidencia nas falas dos teóricos e escritores de um modo geral é a importância conferida à Literatura Infantil para a formação, socialização e desenvolvimento da criança em seus vários aspectos. Se há no uso da imagem imediata elementos que podem favorecer à formação do leitor, igualmente existem os riscos de desaculturação em razão do poder que a imagem e a velocidade exercem sobre as mentes humanas. Porém, numa perspectiva otimista, crer-se que o Livro está longe de ser substituído enquanto houver, no homem, a necessidade de produzir e, conseqüentemente, de apreciar arte.

O livro de literatura infantil tem papel fundamental no início do processo da alfabetização/ letramento, sua função é formar e educar, e toda criança em processo de alfabetização pode e deve utilizar da literatura infantil para obter uma aprendizagem significativa e rica em conhecimento, pois os livros literários desenvolvem na criança a capacidade cognitiva da imaginação, da reflexão e da criatividade sobre os fatos históricos.

Observa Carvalho (1989, p. 19) que “tirar da criança o encanto da fantasia pela arte, particularmente a arte do desenho, da forma das cores e da literatura (que representa todas), é sufocar e suprimir todas as riquezas do seu mundo interior”. O processo social da alfabetização acontece por meio da literatura infantil que além de contribuir significativamente no processo de ensino aprendizagem acrescenta elementos necessários para a criança compreender o mundo da fantasia e sua realidade cultural/ social através de bons livros literários, onde a criança adquire conhecimento das histórias, da fala e das primeiras palavras. O professor alfabetizador deve ter conhecimento que a literatura infantil é um recurso excelente em prol ao ensino, e tem que ser aplicada na forma de ensinar, refletir e ao mesmo tempo divertir, pois, dessa maneira facilitará a aquisição dos conhecimentos pelas crianças.

Para Vygotsky (*apud* SOARES, 2008), a linguagem ajuda a criança direcionar o pensamento, a criança compreende a vida através do imaginário. O livro infantil põe a criança em contato com o mundo e com todos os seus desdobramentos. Deve-se ter em mente que a criança que se encontra em processo de alfabetização/letramento e em pleno desenvolvimento é com a família seu primeiro contato alfabetizador, seu segundo contato será no contexto escolar, onde, a criança aprenderá uma linguagem aplicada de forma mais formal do que a ensinada em casa. Porém, a aprendizagem não pode ser apenas instrumental, ela deve ser dialógica com significados sociocultural, por isso o ato de alfabetizar não pode exigir somente as práticas escolares, mas incluir as práticas culturais e sociais nas quais leituras e escritas é extremamente necessário, conforme (SOARES, 2008).

A alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código linguístico, ou seja, é um conjunto de técnicas adquiridas para exercer o uso da leitura e da escrita. Alfabetização faz parte da ação de decodificar o alfabeto e representar o som reconhecendo seu símbolo gráfico.

Freire (2002) pontua que as escolas deveriam estimular o gosto da leitura e da escrita durante todo o tempo de sua escolarização. Que estudar não signifique um fardo e ler uma obrigação, mas uma fonte de alegria e de prazer. Este esforço em buscar a significação dos estudos, deveria começar na pré-escola, intensificando-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar.

De acordo com autores como Freire (2002), Soares (2008), Kleiman (2005), Tfouni (2006) e Abromovich (1997), o processo de alfabetização e letramento compartilhado com a literatura infantil são procedimentos que qualificam o conhecimento e o contextualizam. O livro de literatura infantil é considerado uma ferramenta valiosa para o professor e para a escola, sendo um meio significativo em prol a aquisição de um excelente ensino literário com qualidade no desenvolvimento da aprendizagem. Isto significa uma formação crítica e ativa, em que a criança explora a sua criatividade, imaginação e a significação em seu meio, sugere e conduz a criança a diferenciar valores atualmente perdidos pela sociedade atual. Devem-se ampliar as experiências com a literatura infantil, buscando igualar a criatividade dos textos com a atividade pedagógica, desenvolvendo a compreensão e a interação das crianças por meio de atividades e temas lúdicos.

A Literatura Infantil pode ser vista como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura. Para entendermos bem a importância dessa literatura na

formação do ser humano, faz-se fundamental olhar para a variedade de textos que a compõem: fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, parlendas, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos. Temos, assim, um rico material repleto de histórias, memórias, diversidade cultural, fantasia, encantamento e valores humanos.

O acesso ao ensino da língua materna não tem garantido a competência dos alunos para utilizarem adequadamente a escrita, pois uma parte considerável de pessoas que aprenderem a ler e a escrever na escola não conseguem fazer uso da linguagem em situação de leitura e escrita, porque não são capazes de compreender, interpretar o que leem. Decodificar os signos não é o suficiente para ter-se familiaridade ou convívio permanente com a leitura.

A literatura é fundamental para a formação de qualquer pessoa, não só no tocante à sua capacidade intelectual, mas também cultural e para a formação de cidadãos mais conscientes. A literatura na Educação Infantil tem grande importância e o hábito da leitura não deve estar presente apenas na vida adulta.

Introduzir a leitura desde a primeira infância é estimular a educação para além dos ensinamentos dos hábitos culturais elementares, é realizar também a mediação do repertório artístico-cultural da criança - algo que muitas vezes acaba negligenciado aos pequenos, ou deixado a cargo unicamente das mídias, devido à rotina de trabalho, afazeres da casa e falta de tempo livre.

A Literatura e o hábito da leitura contribuem com o desenvolvimento de crianças desde a primeira infância, impactando na sua formação pessoal e, futuramente, profissional. Ler é sinônimo de despertar diferentes habilidades, promovendo, o desenvolvimento de capacidades cognitivas superiores, fundamentais para o desenvolvimento e para a aprendizagem, como a atenção voluntária, da percepção, da memória e da abstração. A ampliação do repertório imagético e do exercício da imaginação e da criatividade, O aprimoramento da expressão, da linguagem e a ampliação do repertório linguístico, a possibilidade do aluno acessar novos mundos, culturas e paisagens distintas.

Uma formação sem arte, sem cultura, não prepara civilização nem homens, mas apenas cria e condiciona exércitos e cérebros mecanizados. A ciência sem cultura se empobrece e reduz o homem a simples manipulador, peça De equipe a

serviço de uma engrenagem técnica. A técnica informa, mas somente a cultura forma o homem, (CARVALHO, 1982).

Reflexões sobre fenômenos naturais e sociais de seu cotidiano e da realidade do mundo. O aperfeiçoamento da capacidade de formular hipóteses plausíveis, pesquisar, investigar. O estabelecimento de novas relações e conclusões inteligentes. O pensamento complexo. Valores éticos fundamentais para o exercício consciente da cidadania.

Essa combinação de habilidades contribuirá com a trajetória escolar das crianças, tornando-as mais humanas, mais atentas, mais conscientes, mais empáticas, mais solidárias e mais respeitadas, que saberão lidar com as questões de forma ética e tratar suas emoções ao longo do seu desenvolvimento e amadurecimento. A literatura na Educação Infantil coloca o estudante em uma posição privilegiada no que diz respeito ao exercício de sua cidadania, à leitura crítica da sociedade e à construção de seu projeto de vida. Ela é fundamental para a formação de nossas crianças, porque as acompanhará por toda a sua trajetória escolar e de vida.

O hábito de leitura expandirá seus horizontes e sua forma de ver e sentir o mundo, dando aos jovens a oportunidade de acessar um universo que ela não conhece sem precisar sair do lugar. Toda boa obra carrega em si um lugar, uma cultura, uma história, uma época.

Mais do que isso, as palavras podem fazer com que os pequenos tenham o sentimento de pertencimento de grupo, algo indispensável no desenvolvimento infantil, de segurança e autoconfiança – o que melhora a autoestima e potencializa a formação de cidadãos mais ativos e, conseqüentemente, uma sociedade mais consciente e crítica.

A literatura tem seu lado doce e que está ligada a emoção, o prazer e a satisfação de ouvir, de ler, de estar próximo e em contato com o imaginário, o lúdico, o belo, das histórias, dos contos e das fábulas. Ela é de suma importância para a formação dos futuros e bons leitores, conscientes, críticos e reflexivo. Sendo assim, percebe-se a real importância das histórias no desenvolvimento intelectual, emocional, social e cognitivo das crianças e de como é necessário o contato desde pequenos com o mundo literário, mesmo que ainda não saibam ler, mas, que façam a leitura visual, oral, através da observação e manuseio de diversos portadores de textos presente no ambiente e espaço em qual está inserida.

Através da leitura e do gosto pela literatura, a criança é capaz de desenvolver a imaginação, a organização, o respeito e aprimorar novas falas, novas escritas e novos princípios, momentos como esses transformam para sempre suas vidas. Quando as crianças participam da leitura da história, elas passam a compreender melhor os seus sentimentos em relação ao mundo, com isso, são trabalhados problemas existenciais típicos da infância como agressividade, violência, isolamento social, tristeza, raiva, entre outros.

Acredita-se que através da literatura pode-se conhecer mais sobre a cultura e a História de um povo, através dela conhece-se o mundo sem mesmo sair do lugar, os Autores de obras literárias aparecem como estudiosos da alma humana, alguém que faz da leitura e da escrita seu ofício de estar no mundo. Se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a Infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa Constituição “[...] a literatura se configura não só como instrumento de formação conceitual mas também de emancipação da manipulação da sociedade” (CADERMATORI, 2007, p. 23).

Acredita-se que o ser humano que se sensibiliza diante das pessoas, que conhece outras culturas, que elabora seus sentimentos e emoções, que exercita sua Criatividade, sua autoria, sua autonomia e seu conhecimento estético, tem condições de se colocar diante das circunstâncias da vida de forma mais livre, crítica. A literatura desperta diferentes habilidades nas crianças, como a linguagem, a ampliação de vocabulário, a criatividade, a imaginação e a descoberta de mundo, ela é a abertura para a formação de uma nova mentalidade.

Segundo Abramovich (2008) “[...] o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente pelo pai, mãe ou avós, que contam histórias infantis, trechos bíblicos e até mesmo histórias inventadas”. A organização do espaço físico e do ambiente deve ser aconchegante, com almofada, iluminação adequada, livros, revistas etc. organizados de modo a garantir o livre acesso às crianças, segundo o RCNEI (BRASIL, 1988, p. 156). Observa-se a importância da organização do espaço para a contação da história, de forma prazerosa e aconchegante, onde tudo isso proporciona uma melhor interação entre as crianças, o professor e o espaço, além disso, para que a história se torne atrativa, o professor precisa ter uma postura para contar a história, utilizando de diversos recursos, instigando a curiosidade imaginária da criança, fazendo uso de diversos recursos, como fantoches, fantasias, casinhas de contação de histórias, os cantinhos, músicas, gestos, tons de voz, entre outros,

sempre respeitando a faixa etária da criança, pois, conforme a idade da criança, não pode ser histórias muito longas.

Antes de contar uma história, o professor precisa primeiramente fazer um planejamento, qual será a metodologia e os recursos utilizados como: conhecer o livro, sobre o autor, fazer uma leitura da história para conhecer o conteúdo da mesma e tornar esse momento de imaginação, encanto e magia. O professor precisa deixar que a criança se envolva de alguma forma nesse momento prazeroso e rico de significados e aprendizagens, pois, através da leitura ou contação de história pode se trabalhar diversos campos de experiência conforme a BNCC, a hora da história não pode ser um momento qualquer, e sim, um momento gostoso, belo, de respeito, prazer, atenção, interação, alegria e magia.

Sendo assim, a contação e leitura de história deve estar presente nas práticas diárias da rotina dos professores e das crianças, nas escolas e unidades de educação em geral, para que a criança tenha um bom desenvolvimento e tome gosto e prazer pela leitura e contação de história em sua vida, proporcionando assim, às crianças, momentos de aprendizado e prazer. Na educação infantil, é preciso ler muito para as crianças, com diferentes intenções, onde essa prática demanda planejamento, levando em conta, o tempo de atenção das crianças e os assuntos que lhes interessam, sem perder de vista as intenções pedagógicas.

O hábito da leitura oferece muitos benefícios, tanto para o corpo quanto para a mente. Entre eles, melhora o funcionamento do cérebro, contribui para a construção do senso crítico e, como diz a máxima popular, permite uma viagem ao mundo sem que o leitor saia do lugar. A leitura na educação infantil é um importante hábito a ser desenvolvido, porque gera grandes benefícios no desenvolvimento do indivíduo. A leitura (ou a resultante do ato de se atribuir um significado ao discurso Escrito) passa a ser então uma via de acesso à participação do homem nas Sociedades letradas, na medida em que permite a entrada e a participação No mundo da escrita; as experiências dos produtos culturais que fazem Parte desse mundo só é possível pela existência de leitores. Daí ser a Escola uma instituição informal que objetiva facilitar a aprendizagem, não só da fala e ouvir, mas principalmente do escrever e ler, (SILVA, 1986).

Está se acostumando a ver as crianças, em seus momentos de lazer, brincarem com videogames, computadores, aplicativos online e demais tecnologias. Acabamos, dessa maneira, nos esquecendo do valor que os livros têm também

como instrumentos de distração. Na prática, quando a criança se acostuma com a leitura, consegue sentir prazer ao conhecer novas histórias, de forma que esse hábito se torna uma forma de entretenimento extremamente eficiente.

Leitura também possibilita a geração de novos conhecimentos acerca do mundo, das pessoas e até de nós mesmos. Por essas e outras razões, acaba ampliando as referências do leitor, modulando sua maneira de pensar e agir, além de aprimorar seu raciocínio.

Para as crianças, sobretudo, é uma ótima forma de desenvolver suas habilidades de compreensão para que consigam opinar, criticar e ter maior enriquecimento cultural, intelectual e social. Ler livros é uma ótima maneira de descobrir novas palavras e aumentar cada vez mais o vocabulário além de melhorar a gramática, ser uma forma de aprender a norma padrão da língua da forma mais natural possível e ajudar a construir uma linha lógica de pensamento.

O sujeito-leitor é um sujeito inteiramente deportado sob o registro do Imaginário; toda a sua economia de prazer consiste em cuidar da sua relação dual com o livro (isto é, com a imagem), fechando-se a sós com ele, colado a ele, de nariz dentro dele, ousaria dizer como a criança fica colado a mãe e o namorado suspenso ao rosto amado, (BARTHES, 1976).

Durante o período escolar, uma das maiores dificuldades dos alunos costuma ser a escrita da redação. Como demonstrado anteriormente, a leitura é a peça-chave para o desenvolvimento da capacidade linguística, por incrementar o vocabulário, expandir as habilidades de interpretação e criatividade, fazendo com que uma maior capacidade de criação se desenvolva, elaborando mais facilmente suas próprias histórias.

As crianças que leem livros conseguem se sentir afetadas (positiva ou negativamente) com as histórias. Por essa razão, os livros são tidos como instrumentos relevantes para liberar a emoção. Lendo as narrativas, as crianças podem sentir medo, empolgação e compaixão, bem como vários outros sentimentos importantes para seu desenvolvimento.

Até os dois anos, a criança não interage tão ativamente com as palavras. O ponto de interesse está, quase que essencialmente, direcionado às imagens e texturas. É o momento no qual os livros devem ter páginas grossas e rígidas, que permitam a interação com a história. Afinal, o objetivo é que os livros, nessa idade, sejam capazes de despertar a curiosidade. Entre os dois e três anos, os livros

podem começar a carregar um pouco mais de contexto e se relacionam à rotina da criança. É a hora de fazer a ligação entre as tarefas e hábitos do dia a dia, com o que é contado.

Vale, para tal, utilizar os livros como forma de validar e auxiliar no desfralde ou mesmo para ensinar pequenas tarefas, como arrumar a cama. Nessa hora, a criança já pode começar a compreender e relacionar palavras com o que está registrado nas páginas. No processo da aquisição da leitura e da escrita, a literatura infantil tem uma grande importância, pois nos anos iniciais da educação formal, a criança está na fase dos sonhos e adora ouvir histórias que envolvem um mundo imaginário. Os livros que trazem a literatura devem estar sempre presentes na vida dessa criança. A boa literatura facilita o desenvolvimento da inteligência, interação e é fonte de divertimento e prazer. A literatura infantil pode, para muitos, parecer brincadeira, mas na realidade é o marco inicial de uma cultura e, por isso, é fundamental fazer parte da prática pedagógica do professor nas séries iniciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre dos estudos feitos e autores pesquisados, podemos concluir que durante o período histórico, a educação infantil teve significativos avanços no início a criança era considerada como um adulto em miniatura, todo seu desenvolvimento infantil era desconsiderado. As crianças de 0 a 6 anos passaram a ter acesso a as instituições especializada no Brasil, fato ocorrido no período da Revolução Industrial. O Objetivo é verificar a contribuição da literatura infantil no processo de alfabetização/ letramento e no desenvolvimento social da criança.

Para as crianças, sobretudo, é uma ótima forma de desenvolver suas habilidades de compreensão para que consigam opinar, criticar e ter maior enriquecimento cultural, intelectual e social. Ler livros é uma ótima maneira de descobrir novas palavras e aumentar cada vez mais o vocabulário além de melhorar a gramática, ser uma forma de aprender a norma padrão da língua da forma mais natural possível e ajudar a construir uma linha lógica de pensamento.

O sujeito-leitor é um sujeito inteiramente deportado sob o registro do Imaginário; toda a sua economia de prazer consiste em cuidar da sua relação dual com o livro (isto é, com a imagem), fechando-se a sós com ele, colado a ele, de nariz dentro dele, ousaria dizer como a criança fica colado a mãe e o namorado suspenso ao rosto amado (BARTHES, 1976).

Durante o período escolar, uma das maiores dificuldades dos alunos costuma ser a escrita da redação. Como demonstrado anteriormente, a leitura é a peça-chave para o desenvolvimento da capacidade linguística, por incrementar o vocabulário, expandir as habilidades de interpretação e criatividade, fazendo com que uma maior capacidade de criação se desenvolva, elaborando mais facilmente suas próprias histórias.

Diante disso, a escola busca reconhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita, sendo que a leitura influência de maneira positiva neste processo. Espera se que está pesquisa contribua para que as instituições de ensino, professores e familiares, se conscientizem sobre a importância de trabalhar a literatura por meio do lúdico para aprendizagem da criança. Pois é uma ótima forma de desenvolver suas habilidades de compreensão

para que consigam opinar, criticar e ter maior enriquecimento cultural, intelectual e social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo : Scipione, 2008.

ARENDET, H. **Entre el pasado e o futuro**. Barcelona: Península, 1996.

ARAÚJO, Jose Carlos Souza. **Sala de aula ou o lugar da veiculação do discurso dos oprimidos**: São Paulo: Editora Papyrus, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes. 1976.

BECK, U. **La sociedade del Riesgo**. Barcelona: Paidós, 1998.

BERLIN, I. **El fuste torcido de la humanidad**. Capítulos de história de las ideias, Barcelona: Península, 1998.

BORDO, S. **O Corpo e a reprodução de feminidade**. Rio de Janeiro: Edição Rosa dos Tempos, 1989.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: KUHLMANN Jr., Moysés; FREITAS, Marcos Cezar (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: MEC, 1971.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: MEC, 1990.

_____. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacionais. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da

Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. São Paulo: Brasiliense, 2017.

CAMARGO, Luís. **A poesia infantil no Brasil**. Blocosonline, 2000. Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2006.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A Literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1982.

CARVALHO, Rosita Elder. O Direito de ter direito. In: **Salto para o futuro**. Educação Especial: tendências atuais. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: MC/SEEP, 1989.

CARVALHOSA, Susana. **Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar**. Forte da Casa, PT: Climepsi Editora, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7 ed. São Paulo: Moderna, 1991.

COMENIO, João Amos. **Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**. Introd., trad. e notas Joaquim Ferreira Gomes. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DIAS, Irene de Oliveira. **Bullying submerso: religião e etnicidade na escola**. Goiânia: Fonte Editora, 2015.

FERREIRA, Maria José do Amaral. **A Mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2013. (Tradução).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENO, José Sacristán. **Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância: da Idade Média à época Contemporânea no Ocidente**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S. NUNES, M.F.R., CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 69-85, jan./abr., 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES, C. L.; NAVARRO, E.C. A importância da literatura na educação infantil para a formação de leitores letrados. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da UNIVAR**. Araguaia, v. 1, n. 11, p. 15-19, 2014.

MARTINS, Gilberto. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilust. Thais Linhares. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MELLO, Débora Teixeira de. A história do cuidado a criança pequena em Porto Alegre: a roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia (1837-1940). In: ROMAN Eurilda Dias; STEYER Vivian Edite (Orgs.). **A Criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.

MORAIS, Regis de. **Educação-Filosofia**. Campinas: Editora Papyrus, 1988.

PAES, José Paulo. **Poesia para Crianças**. São Paulo: Giordano, 1996.

ROCHA, Fernando José Rodrigues da. **A Educação para o Século XXI**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.(Revisão Técnica).

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

RUIZ, Joao Olavo. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo Contexto, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina. Em busca da criança leitora. In: NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystian Venâncio. **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Loyola, 2001.

_____. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 2003.